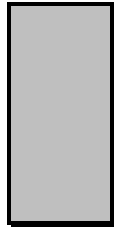


Artigo



RELATOS DE ALEMÃES NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA

Sylvia Ewel Lenz*

Resumo

Apresentamos um quadro de relatos de alemães, de diversas origens e profissões, que são menos conhecidos do que os cientistas e artistas que vieram ao Brasil ao longo do século XIX. Após o fim das guerras napoleônicas, aportaram os primeiros indivíduos- negociantes que visavam lucros no comércio exterior. Posteriormente, muitos mercenários e colonos chegaram em levas, aliciados para servir no Exército Imperial. Os artífices imigraram com as suas famílias, na esperança de prosperar com o seu ofício em um país escravocrata, escasso de mão-de-obra qualificada.

Palavras-chave: negociantes, mercenários, artífices, trabalho.

Abstract

In this abstract we present a number of reports written by Germans who came to Brazil during the 19th century. Leaving aside the famous scientists and painters, we focused on lesser-known persons of other professions who came from different places within their home country. As soon as the Napoleon Wars finished, the first Germans individually made their way to Brazil; they were tradesmen seeking profit in business. Later on, soldiers and colonists arrived in groups, engaged to fight for the emperor's army. Others immigrated with their families; these were artisans who aimed at being recognized for their handicraft in a land where work was done by unlearned slaves.

Key-words: tradesmen, soldiers, artisans, work

* Professora na Universidade Estadual de Londrina, doutora pela Universidade Federal Fluminense.

A partir de 1815, os primeiros alemães a imigrar para o Brasil eram negociantes, artistas, naturalistas e cônsules dispostos a praticar o comércio direto bem como descrever as condições naturais e as possibilidades econômicas deste país. Estes últimos acumulavam funções consulares e comerciais, fundando firmas de exportação e importação. Outros adquiriram terras e se instalaram aqui, como o barão Von Langsdorff, representante do consulado russo e naturalista, que trouxe muitos alemães com o intuito de formar uma colônia em sua fazenda (Becher, 1990:36). Menos conhecido que os participantes das expedições científicas e das missões artísticas, resultantes da dissolução das tropas imperiais, esse grupo deixou relatos sobre o cotidiano da cidade imperial e também das possibilidades profissionais e lucrativas da jovem monarquia.

Os olhares de estrangeiros variam conforme suas visões de mundo e suas experiências no exterior. Quem somente observa, com o intuito de elaborar uma narrativa, busca a horizontalidade na qual projeta um mundo contínuo e coerente. E acredita, dessa feita, poder restituir a integridade ao caos. Ao trazer consigo a sua visão de mundo, interessado na continuação de um mundo homogêneo onde o progresso moral se torna mais importante que a própria salvação da alma, ele então se restringe àquele plano, sem interrogar, sem realmente olhar. Este seria o credo dos religiosos e mesmo de líderes políticos que o projetam a partir de uma perspectiva horizontal, da dicotomia do bem e do mal. Afinal, as crenças estão condenadas a separar, sem descanso, o joio do trigo, buscando justificativas que dêem suporte para aquilo que defendem como sendo verdades absolutas.

O pastor Billroth, da Igreja Evangélica Alemã, narrou, por exemplo, o episódio de um alemão que alforria seu fiel escravo após anos de serviços. Este passa a desfrutar a liberdade ostentando, num primeiro momento, além dos sapatos, fraque engomado, relógio e corrente de ouro. Durante um ano o antigo senhor não ouviu falar dele até que, um dia o vê retornar trazendo consigo um menino negro, também alforriado. Ambos queriam morar em

sua casa, pois não sabiam o que fazer na condição de libertos, nem tinham como sobreviver. Segundo o pároco luterano de tendência pietista, somente na liberdade do Senhor, através do ensino, da educação e da fé os negros poderiam e deveriam ser promovidos a cidadãos livres. Antes de mais nada deveriam ser convertidos espiritualmente e só então receber a liberdade civil (Billroth, 1867:63).

Já o olhar direcionado e concentrado na investigação faz uma incisão vertical no objeto observado; um olhar que reflete, inquieto e inquiridor. É uma visão em forma de interrogação (Cardoso, 1988). Dessa forma, o viajante também pode ver novos mundos abrirem-se à sua frente. O estrangeiro de postura autêntica e sincera despoja-se do *modus vivendi* de sua terra natal para expandir seus horizontes e olhar para além dos limites impostos por sua formação. Dessa forma, este olhar pode interagir com o mundo, ser por ele impressionado e alterar a perspectiva de quem olha. É um processo de enriquecimento para quem se mostra sensível às diferenças e pulsações da vida. É um jeito raro de ver, este olhar, posto que reflete e pergunta, não para justificar a sua ordem social, mas sim para procurar resolver questões por elas ignoradas.

O discurso dos naturalistas já vem impregnado pelas idéias acerca do progresso, da depuração racial e da demarcação das diferenças sociais, reflexo do pensamento das elites dirigentes e letradas. Eles tinham vínculos com elas, as únicas capazes de financiar suas viagens longas e dispendiosas de caráter científico-artístico. Alguns cientistas renomados foram até financiados pelos governos no Brasil. Assim, é evidente que a visão deles não refletia a dos nativos nem dos conterrâneos, posto que formavam um grupo distanciado das demais camadas sociais.

Certos alemães que para cá vieram mas foram mal sucedidos, absorveram parte dessa perspectiva em suas autobiografias como forma de extravasar as suas frustrações diante de um Eldorado inexistente. Entretanto, o lado positivo partilhado e desfrutado pelos que souberam expressá-lo pode

ter motivado o público leitor a optar pelo Rio de Janeiro como local de destino.

J.E. Pohl, por exemplo, natural da Boêmia, tinha se formado em medicina e lecionava história natural e botânica em Praga. Quando a arquiduchessa Leopoldina veio para o Brasil, em 1817, o governo austríaco enviou uma comissão científica da qual participavam, dentre outros, o próprio Pohl, na condição de minerólogo, J.B. Spix como zoólogo e C.F.F. Von Martius como botânico: “(...) *três representantes da ciência alemã intimamente ligados ao estudo do solo, da fauna, da flora, de etnografia e da lingüística ameríndia do Brasil*”. (Cabral, 1953:39)

O negociante inglês John Luccock enfatizou a importância de entreposto comercial do Rio de Janeiro, logo após a abertura dos portos, em 1808, reafirmado pelo naturalista austríaco:

Aliás, é natural que, numa cidade de tanta importância marítima e comercial, se achem reunidos habitantes de todas as regiões e países do mundo civilizado. Naturalizados ou não, encontram-se aqui filhos de todas as nações. Os mais numerosos entre eles são os antigos aliados de Portugal, os ingleses, que fazem os maiores negócios. Como eles, porém, segundo se afirma, exercem opressão comercial, os naturais se dirigiram aos franceses, com os quais têm afinidade de religião. Ambas as nações porfiam (sic) em introduzir aqui abundantemente as suas mercadorias, os produtos de sua arte e indústria e no Rio se encontram dentro do tempo mais curto possível, as últimas novidades dos mercados de Londres e Paris. (Pohl, 1976: 42)

Suas narrativas contribuíram para oferecer um dos primeiros quadros dessa monarquia ao sul do Equador, conforme seu breve testemunho sobre alemães e outros forasteiros, os negócios e os artífices nesta cidade:

Os alemães têm boa fama de probidade, o que foi favorecido pela circunstância de que o imperador escolheu uma esposa dessa origem. Encontram-se aqui particularmente muitos hanseáticos. Vêm-se também, com frequência, italianos, espanhóis, holandeses, até suíços e os nativos da América do Norte fazem aqui muito comércio. O comércio atacadista propriamente dito está em mãos dos portugueses, que realizam consideráveis negócios com Portugal e as colônias. O

crioulo, por causa de sua indolência inata, raramente vai além de merceiro. Geralmente vende produtos do país, em especial gêneros alimentícios, e às vezes, mercadorias estrangeiras. Também entre os artífices, os europeus se distinguem pela diligência e habilidade. (Pohl, 1976:43).

Embora não constem escravos nos registros de batismo da Igreja Evangélica Alemã do Rio de Janeiro, relatos de hanseatas ou de nobres, como o do prussiano Von Leithold, mostram que tiveram negros como serviçais domésticos. O capitão da cavalaria real, sem perspectivas na pátria, sonhou tornar-se rico fazendeiro sob as benesses de D. João VI. Assim, chegou ao Brasil com a filha e sobrinho para visitar sua irmã, casada com um português influente na corte. Após a chegada no porto, passaram por vários apuros até finalmente encontrarem a casa do cunhado, de modo que:

O guarda-livros de um comerciante holandês prontificou-se amavelmente a conduzir-nos. Batemos à porta [...] estava fechada; meu cunhado e família, ausentes; de dentro nos gritavam uns negros, em português, dando-nos a entender que sem ordem do patrão ninguém entraria. (Rango e Leithold, 1986:9)

O senador da cidade-Estado de Bremen, dr. Gildemeister, elaborou um relatório, encomendado pelo burgomestre de sua cidade para o príncipe Metternich, a partir de sua prática comercial e política. Neste caso, o olhar é diplomático, porquanto esses governos queriam tomar providências para fomentar relações comerciais favoráveis com o jovem império americano:

O que o Brasil recebe da Europa são em parte artigos fabricados, de luxo, em parte objetos de primeira necessidade, linho, panos e outros tecidos para vestuário, utensílios domésticos de toda a espécie, feramentas agrícolas e para atividades artesanais simples, armas, artigos de vidro, [...] também farinha, cujo consumo decorre especialmente das necessidades dos colonos europeus acostumados a cereais. Como a maioria da população brasileira consiste de indivíduos que desconhecem por completo o que seja luxo, [...] os artigos do último tipo devem ser tomados em consideração [...] que a Alemanha pode fornecer, com vantagem em relação a todos os demais países da Europa, em qualidade relativamente boa e a preços convidativos. (Minnemann, 1977:28)

Gildemeister via, no Brasil, um grande celeiro a suprir a ausência de colônias alemãs, além de ser excelente mercado comprador para os produtos alemães que embora simples, eram reconhecidos pela boa qualidade. Notou a ausência de uma classe trabalhadora, menosprezou o afrancesamento das modas e o refinamento dos costumes brasileiros. Afinal, estes fatores que poderiam prejudicar a opção de compra por mercadorias de origem alemã, menos fúteis e mais úteis no cotidiano, tais como as ferramentas para ofícios mecânicos e utensílios domésticos como panelas, facas e tesouras.

O senador da cidade hanseática de Hamburgo, dr. Sieveking, esteve por meio ano em missão diplomática na corte imperial. A correspondência pessoal à sua mulher expressa desde observações sensatas acerca da atuação dos deputados na Câmara a irônicas, quando, por exemplo, dos trajes do imperador:

Na habilidade de improvisar discursos e na seriedade simples dos deputados, demonstrado pelo traje burguês, esta assembleia situa-se provavelmente acima da maioria dos desvarios do sistema representativo na Europa.[...] Há entre os deputados indivíduos que nunca tinham saído das suas montanhas e agora sabem discutir com eloquência importantes problemas do Estado [...]. Continua, porém sendo sempre notável encontrar entre estes habitantes das fronteiras da civilização já tão desenvolvida a paixão da vida pública. (Minnemann, 1977:129)

Ele observou, de bom grado, o vestuário burguês dos representantes do povo, em pleno governo monárquico. A capacidade de uma retórica espontânea, não forjada nas academias, também impressionou o hamburguês. Sentiu-se, por sua vez, lisonjeado por ter sido recebido por D. Pedro II, o terceiro imperador com quem conseguira uma audiência. Não obstante, quando o corpo diplomático foi convidado a assistir à sessão de encerramento das câmaras, com discurso do monarca brasileiro, descreveu:

O imperador compareceu em botas de “courrier”, uma coroa enorme na cabeça, com uma gola de penas de tucano, amarelas, sobre o manto de veludo verde, bordado a ouro. Um ministro afirmou que o traje mantinha a linha média entre a farda de um oficial de cavalaria e o traje de um cacique índio. (Minnemann, 1977:135)

São observações de um hanseata, negociante e político habituado a ter uma vida confortável, porém sóbria e frugal, para quem quaisquer emblemas da realeza e mesmo da nobreza representavam uma ameaça à autonomia secular de sua pequena nação. Originário de uma antiga cidade-Estado, político hábil e negociante culto, fez questão de estender, ao Brasil, as práticas da tradicional neutralidade hanseática:

É meu princípio não me manifestar sobre os assuntos interiores dos Estados de que sou hóspede assim como também de me manter mais acima dos partidos do que um mero homem da corte poderia ousar. Por isso não tinha hesitado em convidar de vez em quando um destes homens da oposição junto com os mais moderados de entre os ministros. Meus colegas se admiraram em parte disso. (Minnemann, 1977: 135)

Os cônsules atuavam, concomitantemente, como negociantes e mensageiros dos países que representavam, embora nem sempre fossem originários deles. Observavam não só as possibilidades comerciais como também as tendências políticas com o intuito de tirar proveito nos negócios exteriores. Além da função comercial e diplomática, também participaram de associações laicas e religiosas, contribuindo sócio-culturalmente para as comunidades a que pertenciam no estrangeiro.

O cônsul Guilherme Theremin, enviado da Prússia, foi a expressão máxima de um homem que atuou em vários campos. Deixou-nos até mesmo um pequeno legado artístico, um registro pictórico sobre a cidade do Rio de Janeiro intitulado *Saudades do Brasil*. Este álbum, dedicado a D. Pedro II, com seis litografias, teve uma tiragem com cerca de 110 a 200 exemplares, com reproduções do Paço Imperial, do Aqueduto, do Passeio Público, da Igreja de N. S. Glória, do Teatro Imperial e do Chafariz do Campo, feitas entre 1818 e 1835, representando os edifícios públicos, civis e religiosos mais importantes da cidade¹.

¹ Cf. prefácio de Gilberto Ferrez à edição facsimile de *Saudades do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1957.

Theremin não chegou a ser um negociante bem-sucedido, mas foi um homem dedicado ao bem-estar de seus compatriotas nas questões culturais, humanitárias e sociais. Esses interesses refletem-se em suas iniciativas ao fundar a Igreja Protestante Franco-Alemã e ser sócio do Clube Germânia. Posteriormente seu filho promoveria a Sociedade Beneficente para os imigrantes da Liga. No seu empenho em resolver desde problemas surgidos com algum súdito seu à promoção das relações Brasil/Prússia, Theremin, através de um olhar sensível, aprendeu a lidar com as autoridades brasileiras, não como mero burocrata, mas como um diplomata, hábil em relações públicas. Segundo ele, seria preciso manter um bom contato com os funcionários mais importantes; um conhecimento mais próximo e pessoal facilitaria, em muito, a relação com eles. O cônsul prussiano, que os visitava rotineiramente, também ia com frequência às audiências do ministro das Relações Exteriores, sem, necessariamente, ter algum assunto especial a tratar. Também estabeleceu-se uma regra aprendida em sua prática política: nunca encaminhar para lá algo por escrito, sem antes já ter negociado, direta e verbalmente, o assunto (Penkqwitt, 1983:147).

Dos primeiros alemães a vir ao Brasil, além de naturalistas, artistas, colonos e negociantes, havia os mercenários aliciados para as forças armadas brasileiras. O Ce. Juvêncio S. Lemos aborda a trajetória dessa excepcional leva urbana, apoiado em ampla pesquisa documental e bibliográfica. Tal obra traz à tona a formação do exército imperial de D. Pedro, não brasileiro, composto por estrangeiros, a maioria proveniente da Liga Alemã e, em menor parte, da Irlanda e da Suíça (Lemos, 1996).

O major Schaeffer, homem de confiança tanto de D. Pedro como de Dona Leopoldina, ficou no encargo de aliciar esses indivíduos na Alemanha. Certos estados alemães somente permitiam a emigração de colonos mas impediam a saída de membros de seu quadro militar. Assim, Schaeffer incluiu uma parcela de colonos com suas famílias, de modo a encobrir a verdadeira intenção de seu aliciamento. Foram essas levas que, em sua grande

maioria, fundaram a primeira colônia alemã bem-sucedida, a de São Leopoldo na então Província do Rio Grande. Mas após a rebelião dessas tropas alemãs junto com as irlandesas, o exército constituído por mercenários foi definitivamente dissolvido, em 1830. Os irlandeses foram enviados de volta ao seu país; a maioria dos alemães rumou para o sul do Brasil e se estabeleceu na referida colônia. Alguns retornaram para a terra natal e escreveram relatos prestimosos de suas vivências. Outros simplesmente sucumbiram. Os demais trabalharam como professores, pequenos comerciantes ou artífices², no Rio de Janeiro.

Assim, algumas biografias de homens de negócios³ e artífices foram escritas por ex-mercenários, tendo em vista que muitos dos dispensados permaneceram na cidade; são relatos distintos dos elaborados por artistas e viajantes naturalistas, já estudados por vários pesquisadores.⁴ Diversos artistas alemães, por exemplo, foram tratados em diversas obras organizadas por Gilberto Ferrez, além de ser contemplados com a edição trilingüe de Maria Elizabete Santos Peixoto.⁵ Os naturalistas tiveram suas obras traduzidas e publicadas na coleção Reconquista do Brasil, pelas editoras Itatiaia e da Universidade de São Paulo; alguns deles tendo sido objeto de pesquisa.

² O termo artífice é empregado no sentido de um trabalho mais artístico do que artesanal. Lembramos que eles tinham de concorrer ou com o trabalho gratuito dos escravos ou com o mais rústico dos libertos.

³ Dentre os diferentes conceitos – de época, como negociante de grosso, o braudeliano negociante-capitalista; o weberiano negociante-atacadista – optamos por empregar o termo homem de negócios, que tanto é a tradução liberal do alemão “*Kaufmann*” como também era coevo, cf. verbete “*commercio*”, de SALES, Alberto Jaqueri de. *Diccionario Universal de Commercio*. A tradução e adaptação manuscrita é do professor Carlos Gabriel Guimarães, do *Dictionnaire Universel de Commerce*, de Jacques Savary des Brulons, 3 vols., 1813.

⁴ Ver Flora Sússekind, *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. Dentre outros, igualmente relevantes.

⁵ Cf. Maria Elizabete Santos Peixoto. *Pintores alemães no Brasil durante o século XIX*, Rio de Janeiro, Pinakothek, 1989.

A obra teuta do cavalheiro Schaeffer, Brasilien als unabhängiges Reich, dedicada à imperatriz Leopoldina, tem uma mensagem propagandística que visa atrair imigrantes à única monarquia das Américas. Foi um homem viajado, observador, ambicioso e astuto. Para ele, a felicidade consistia em acumular metais preciosos para esbanjar no que bem quisesse. Aportou, pela primeira vez, na corte imperial, em 1814, a partir de São Petersburgo; a segunda, em 1818, vinha de uma viagem à Austrália e à China; e a terceira, novamente da capital russa, via Lisboa.

Schaeffer considerava os mercados de prata, ouro e diamantes do Rio de Janeiro mais ricos que os bazares orientais de São Petersburgo, Moscou, Constantinopla e Smyrna. O Brasil lhe pareceu ser o mais maravilhoso de todos os países do Novo Mundo, oferecendo as melhores oportunidades para um futuro abençoado pela prosperidade. Nesta obra, ele já indicava a sua intenção de realizar grandes planos migratórios para o Brasil, posto que, além de todas belezas e riquezas naturais, o império de Pedro I podia ser comparado aos europeus, como o da Áustria e da Rússia (Schaeffer, 1824: 9-12). Mais importante ainda era o fato de brasileiros estarem impregnados de um sentimento imperial; afinal, segundo Schaeffer o povo deve ser livre mas não o suficiente para reger (Schaeffer, 1824: 245-250).

Após um breve histórico sobre o Brasil, o aspirante a nobre faz uma apologia ao livre-cambismo, tecendo uma crítica aos alemães cuja mentalidade deveras mercantil resistia às novas regras da economia mundial emergente após o fim das guerras napoleônicas. Finalmente, indicou as possibilidades comerciais e naturais do Brasil, enfatizando a opulência dos seus recursos. Ao seu ver, estes poderiam ser desperdiçados durante um século sem que tal saque afetasse a economia do país! Lista, então, ao longo do sétimo capítulo, um inventário exaustivo dos mais variados produtos a ser extraídos de solo brasileiro, da ipecacunha ao couro, das madeiras ao café, passíveis de ser inserido no disputado mercado europeu.

Quatro mercenários arregimentados pelo próprio Schaeffer rebateram essa visão idílica e opulenta do império tropical: Eduardo Theodoro Bösch, Carl Seidler, Carlos Schlichhorst e Friedrich T. Weech. Críticos e desiludidos, nos deixaram belos relatos sobre as suas vivências no Brasil. Certamente essas obras repercutiram em seus países de origem e devem ter influenciado na escolha final de imigrantes indecisos entre permanecer na terra natal, emigrar para os Estados Unidos ou então para Brasilien!

O jovem Eduardo foi um dos muitos súditos sem trabalho e sem perspectivas em sua terra natal a optar pela via emigratória. Em 1824, deixou para trás os rigores do inverno de Hannover e dirigiu-se, a pé, junto com outros rapazes, para Hamburgo. Tinham em vista alistar-se no regimento do exército imperial brasileiro, a convite do agente Schaeffer (Bösch, 1929: xi).

Apesar de retornar desiludido dessa tentativa, soube fazer bom proveito dos conhecimentos da língua portuguesa escrevendo obras para o seu aprendizado. Assim, tanto contribuiu para a divulgação do idioma português na Alemanha quanto adquiriu recursos para a sua própria sobrevivência.⁶ Os livros foram vendidos lá e também no Brasil; foi o caso do Novo Dicionário Portátil da Língua Portuguesa e Alemã, em dois volumes, e posto à venda na livraria dos Irmãos Laemmert, no Rio de Janeiro (Seidler, 1980: 12).

Também narrou várias procissões e festas religiosas que considerava as melhores ocasiões para viver aventuras amorosas ou, então, sofrer confinamento no xadrez. Afinal, a disciplina militar exigia, caso uma procissão passasse diante das tropas, que seus homens apresentassem armas, tirassem a barrete e quedassem ajoelhados. A maioria dos mercenários alemães professava a fé luterana, de modo que o nosso soldado procurava esquivar-se de tais constrangimentos: “(...) evitando tomar parte nessas farsas, que repug-

⁶ Foram elas as obras: *Novo Dicionário Portátil da Língua Portuguesa e Alemã*; *Neue Portugiesische Sprachlehre* (Novo ensino da língua portuguesa); *Portugiesisch-brasilianischer Dolmetscher* (Tradutor-intérprete de português-brasileiro); *Der Kleine Portugiese* (O pequeno português).

nam a razão sã e ao espírito esclarecido do século dezenove.” (Bösch, 1929:49).

Mas em 1827, quando foi nomeado comandante do posto carioca, teve de lidar com a situação ao se deparar com uma dessas procissões. Dessa feita, ordenou à guarnição que se formasse diante da mesma sem, entretanto, obrigar seus homens a ajoelhar:

O padre que levava o santíssimo, de balde tocou a campanha aos nosso ouvidos. Os meus granadeiros apresentaram armas, ficaram, porém, imóveis como estátuas de pedra, e os seus olhares triunfantes exprimiam ao mesmo tempo o maior desprezo por esta extravagância dos padres de Baal. [...] Ordenou-me em vão o major de ronda, que observasse o cerimonial prescrito, como era de uso no exército brasileiro. Despendi-lhe que não somente a religião, na qual fora educado, como meus princípios se opunham igualmente a que obedecesse às suas ordens, acrescentando que em hipótese alguma me sujeitaria a esta imposição. (Bösch, 1929:50)

As conseqüências dessa desobediência civil e militar se fizeram logo notar. Levaram-no a meses de detenção e a missivas do recalcitrante ao imperador. Diante dos protestos, dom Pedro solicitou os serviços religiosos do pároco anglicano para também ser extensivos aos mercenários alemães:

(...) a Constituição, concede o livre exercício da religião [...] A Igreja protestante dá aos crentes a liberdade de se prostrarem ou não diante do Supremo; proíbe-o, porém, em relação aos outros, não admitindo absolutamente a adoração dos santos. O suplicante seguiu, pois, unicamente os dogmas de sua religião, sendo por isso preso, segundo os melhores métodos da Inquisição [...] Quem julgará todavia o suplicante? Oficiais católicos? Eles o condenarão. Oficiais protestantes? Eles o absolverão. Ambos estão instruídos dos preconceitos inerentes a sua religião e à sua educação e não poderiam, por conseqüência, ser imparciais. Apela, pois, o suplicante para a alta sabedoria de V.M I. e para seu conhecido amor à Justiça. (Bösche, 1929:53)

Este quadro oferece não só o embate entre católicos e protestantes, mas a relação entre os poderes religioso e militar no Brasil. Também mostra a altivez e a consciência do mercenário ao recorrer contra a ilegalidade de

seu aprisionamento, baseado nos direitos liberais do país. Quando se refere ao desrespeito à Constituição Brasileira, revela-se antes anti-clerical do que fiel confesso.

Carlos Seidler escreveu as suas memórias, *Dez anos no Brasil*, oferecendo-nos perfis não só de brasileiros, mas também dos alemães, duramente criticados pela falta de solidariedade. Ao comentar sobre o enterro de não-católicos no Brasil, narrou o destino trágico de um colega de armas:

O infeliz (...) na tola esperança de alcançar melhor sorte no Brasil, tivera a idéia de vir de Hamburgo para o Rio de Janeiro onde seu nome (...) imediatamente lhe proporcionou emprego que ultrapassava a todos as suas levianas esperanças. Depois da época infeliz da dissolução das tropas estrangeiras ele se viu só e abandonado; seus antigos colegas não lhe podiam ajudar, pois também se achavam na mesma dificuldade, e os negociantes do Rio de Janeiro, entre os quais havia alguns tem importantes, como, por exemplo, um Sr. Blass, um Heinrich, um Froelich, dos quais nada de bom se pode dizer, nada queriam fazer por ele. (Seidler, 1980: 330)

É o desapontamento com seus conterrâneos, só que do ramo comercial, tais como os bem sucedidos exportadores de café que não se importavam com a situação precária dos ex-mercenários, conforme relata-nos Seidler:

Estabelecendo um pequeno comércio tentou ele viver, mas também nisso não teve sorte e vergonhosamente enganado perdeu o resto de seus insignificantes haveres, ficou a mercê de mais negra miséria. Em semelhante situação faltou-lhe coragem para afrontar com firmeza a desventura, caiu em desespero para esquecer os sofrimentos, buscou o consolo na cachaça, o melhor meio de despachar-se depressa para o outro mundo. (...)) O infeliz foi definhando e afinal teve de ser recolhido ao hospital da Misericórdia, com o que se evitou pelo menos que um oficial alemão e nobre morresse como um cão leproso de fome e tristeza nas ruas do Rio de Janeiro. Quem dera tivesse esse pássaro infeliz permanecido em casa, em seu ninho! (Seidler, 1980: 330)

Entretanto, nem todos sucumbiram; a maioria teria voltado exercer seus ofícios, como foi o caso dos artífices; outros foram para as colônias alemãs reconstruir a vida na condição de pequenos proprietários. Ambos os

destinos pareciam oferecer um futuro melhor do que retornar para a terra natal, onde permaneceriam desempregados ou seriam convocados para o exército:

Outra circunstância veio contribuir muito para facilitar essa dispensa das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro: é que a maior parte dos soldados e sargentos tinha algum ofício ou então se imaginavam como colonos, com pá e enxada, alcançar um melhor futuro do que sob a túnica de soldado. Um hábil marceneiro, sapateiro ou alfaiate ganhava naquele tempo uma a duas piastras por dia; porque, pois, não preferiam esses homens viver do ofício que haviam aprendido, tanto mais que o soldo era minguado, nesta terra onde a menor coisa tem que ser paga a ouro? (Seidler, 1980: 306)

Um número maior de artífices alemães no Rio de Janeiro formou-se após a dissolução das tropas de mercenários, uma vez que, já durante os anos anteriores: (...) *como quase todos eram artífices, tinham freqüentemente ocasião de ganhar dinheiro nas suas horas vagas. Em nenhuma outra parte do mundo, talvez, se paga tanto ao operário como no Brasil (Bösche, 1929: 42).*

Alguns, como os ex-oficiais portadores de algumas economias, investiram no comércio varejista ou outros pequenos negócios. Houve ainda ex-mercenários que tornaram a via dos crimes, com roubo e assassinato. O caso de um oficial indignou a comunidade dos negociantes alemães:

Após o licenciamento das tropas estrangeiras encontrou colocação na casa comercial de um alemão Wiers. Travou então relações com um jovem comerciante de Bremen, tornando-se ambos grandes amigos. N. comia freqüentemente na casa do seu novo amigo, o cambista, o qual era ainda solteiro. H. foi assassinado com a baioneta por N. [...] acompanhado pelo comércio alemão do Rio [...], foi enterrado no cemitério inglês. (Bösche, 1929: 125)

Alguns dos professores de línguas ou de música nunca haviam lecionado antes, mas eram letrados o suficiente para que, desempregados após a dissolução, procurassem sobreviver dessa maneira no país. Antes pertencentes ao oficialato superior, tiveram de sujeitar-se aos biscates mais humildes

para ganhar o pão do dia; alguns morreram miseravelmente nos hospitais; outros sucumbiram ao vício do álcool, enfraquecidos perante o peso humilhante da adversidade cotidiana. (Bösche, 1929: 125)

Muitos alemães atuaram em várias frentes de trabalho, conforme observado entre os mercenários e artífices. Os negociantes, além de seus afazeres no comércio exterior, também atuaram em diversas associações. Bösch, não sendo comerciante nato, apostou em diversos trabalhos - professor de línguas, correspondente em língua portuguesa, naturalista colecionador e, posteriormente, escritor:

Logo após a minha chegada ao Rio encontrei colocação: empreguei-me no estabelecimento comercial do cônsul geral, onde fiquei um ano. Esta casa todavia, fechou-se após a queda de D. Pedro. Ganhei, então, a vida com o colecionar objetos de História Natural e mais tarde dando lições de línguas no Rio de Janeiro e arrabaldes, as quais eram muito bem pagas. Trabalhei também para uma casa francesa, ocupando-me de correspondência em português. Fiz, em 1832, uma viagem a Pernambuco e Bahia (...). (Bösche, 1929: 132)

Mas, em fins de 1833, foi acometido de violenta febre da qual só se restabeleceu meses depois. Então, após oito anos de permanência no Brasil, resolveu retornar definitivamente para a Alemanha, uma vez que:

Conhece somente esta saudade indescritível, esta atração irresistível exercida pela pátria, aquele que viveu longos anos em regiões afastadas, entre homens estranhos, sem amigos, vivendo num mundo indiferente aos sentimentos do seu coração. (Bösche, 1929: 132)

As memórias sarcásticas de Carlos Schlichthorst, *O Rio de Janeiro como ele é*, retratam o cotidiano da época, curiosas, com algumas passagens grotescas mas, enfim, um dos raros depoimentos a sobreviver no tempo.⁷ A subscrição feita por instituições e amigos, dentre eles profissionais liberais e alguns sacerdotes e militares de cidades alemãs como Hannover, Bremen,

⁷ O original não foi encontrado na Alemanha; no Brasil, um exemplar na Biblioteca do Itamaraty.

Lüneburg, viabilizou a sua única edição (Schlichthorst, 1943: 285). Na corte, mesmo Schaeffer subscreveu exemplares, apesar das críticas do autor ao seu comportamento, desleixo e alcoolismo: (...) *O Cavalheiro, que sabe melhor beber do que discursar, embora seu amigo não lhe fique atrás naquela primeira qualidade* (...) (Schlichthorst, 1943: 15).

Por outro lado, Schlichthorst parecia ter uma vida razoável se nos basearmos em suas descrições de como estrangeiros desocupados poderiam passar um dia confortável, sem grandes despesas, na capital brasileira. Numa de suas rotinas de lazer e ócio, conta que começou o dia com o sol já alto, sem pressa de levantar, iniciado com um rápido banho de mar para, a seguir, deixar-se embelezar pelas mãos de um barbeiro português. Passou, então, numa venda para comprar alimentos frugais para um almoço a ser preparado na casa de sua amiga mulata que residia com a mãe, uma senhora negra. Após a refeição, as mulheres fizeram a sesta enquanto ele, deitado numa rede, saboreava o seu cigarro. À tardinha, foi dar um passeio na praça com a moça, dessa vez sem a presença de mãe e já às vinte horas deixou-a em casa para ainda tomar uma dose de ponche francês, perto do Paço Imperial. Finalmente, voltou ao seu domicílio para dormir e sonhar em vão, com a amiga, comprometida com um tropeiro, pai do filho dela (Schlichthorst, 1943: 83-86).

Em 1828, Friedrich Weech, publicou, em Hamburgo, um verdadeiro manual de sobrevivência no Brasil, *Brasiliens Gegenwärtige Zustände*. Nessa pequena obra o autor reúne preciosas informações, conforme as categorias socio-econômicas. No caso dos profissionais liberais só aconselha a vinda de médicos e, ainda assim, com ressalvas. Deveriam trazer capital suficiente para se manter por seis meses e estar cientes da impossibilidade de ser empregados ou nas forças armadas ou nos hospitais. (Weech, 1828: 61)

Das profissões do ramo comercial e exportador, Weech considerava os negociantes os que têm melhores chances de enriquecimento rápido. Alerta para que tragam bastante conhecimento e se precavessem de modo a não esperar isto ou aquilo no Brasil. Também observou a grande concorrên-

cia entre as nações, com o comércio alemão pressionado por muitas dificuldades. Informa que a maioria dos negociantes vinham como comissionários; ou seja, se não tivessem bons contatos na Europa, seria quase impossível consolidar uma firma no Brasil. (Weech, 1828: 63)

Não obstante, Weech via boas possibilidades no comércio varejista para o qual, além do imigrante trazer um certo capital, deveria conhecer usos e costumes do país e compreender como as transações eram realizadas. Desaconselhava a vinda de empregados de escritório que deveriam, no mínimo, dominar bem a língua inglesa; afinal, raramente as contratações eram feitas aqui tendo em vista que a maioria das firmas trazia seu pessoal da Europa. De qualquer modo, prevenia o viajante para trazer dinheiro suficiente para se manter por seis meses, posto que, em caso de fracasso comercial ou eventual emergência, o desafortunado tivesse como pagar a passagem de volta (Weech, 1828: 65).

Não considerava boas as oportunidades para os artistas, sob cuja categoria incluía os fabricantes de instrumentos e técnicos das artes mecânicas. Estes seriam bem sucedidos tão logo se constatasse a economia de mão-de-obra possibilitada pela implantação de máquinas na indústria, o que não ainda não era o caso do Brasil. Para os que seguiram a carreira militar, Weech dedicou algumas páginas de seu livro, apresentando detalhes dos cargos, funções e soldos no exército brasileiro a ser aproveitados pelos alemães (Weech, 1828: 66-71).

Também se lembrou da situação indigna da nobreza depauperada, sem profissão nem propriedade. Weech aponta para a possibilidade do matrimônio de homens de suposta linhagem com filhas de algum grande proprietário de terras, principalmente para aqueles que já conheciam essas beldades dos trópicos. Unindo o útil ao agradável, o pretendente aproveitaria o enlace tanto para melhorar a sua condição econômica, galgando posição social na sociedade brasileira, como para emprestar o seu título à descendência do benfeitor, senhor de escravos. (Weech, 1828: 131).

Finalmente, os artífices, tais como marceneiros, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, padeiros e açougueiros, poderiam esperar pelo melhor, pois nunca lhes faltaria trabalho além do pagamento ser considerado bom. Caso fosse bom poupador, o conterrâneo poderia melhorar de vida após um ano de lida, de modo a comprar um escravo que, após seis meses de aprendizado, seria de boa serventia e lucro. (Weech, 1828: 71)

No outro extremo, o jornal *Der Deutsche Beobachter*, de 1853, publicado no Rio de Janeiro, em artigos dedicados à emigração de alemães, os redatores instruíam sobre as possibilidades de trabalho para camponeses, comerciantes, artistas, artesãos e trabalhadores. Alertavam que nem todos os profissionais de ofício tinham chance de se dar bem no Brasil. Dentre os artesãos, somente os ourives, os joalheiros, os tapeceiros, os seleiros, os ferreiros, os pintores de parede, os marceneiros, os carpinteiros, os mecânicos, os chapeleiros, os relojoeiros e os fabricantes de instrumentos teriam, através de trabalho árduo e contínuo, a possibilidade de se estabelecer bem neste país. Já os operários, diante da concorrência do trabalho escravo, nada podiam esperar por essas paragens, ao contrário do otimismo de Bösch. E quanto aos artistas, somente certas categorias eram reconhecidas – pintores, escultores, virtuosos e cantores –, mas os mais afortunados continuavam a ser os negociantes.⁸

Em outra edição, o jornal apresentou um histórico das artes de ofício, exaltando a tradição dos artífices alemães, cujo trabalho era bem reconhecido não só na Europa, como também nas Américas. Conclamava os artesãos dessa cidade a se unir e formar uma associação socio-educacional – *Bildungs-Verein* –, para promover aqui cursos e ajuda mútua, além do intercâmbio de idéias com os colegas na Alemanha, denotando a falta de uma

⁸ *Der Deutsche Beobachter* de 23.4.1853, microfilme da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

sociedade de artífices enquanto os negociantes tinham, desde 1821, a Gesellschaft Germania para promover o convívio socio-cultural.

O testamento de Ernst Schramm, negociante hamburguês que, além de residir no interior da província sergipana, viajou ao Oriente Próximo e aos Estados Unidos, é bastante revelador. Em somente dois parágrafos ele declarou, no primeiro, o filho como herdeiro único e universal; e no segundo expressou o seu último grande desejo em prol do futuro dele⁹:

Eu gostaria que Max, após ter usufruído e terminado seus estudos, empreenda, na idade certa, uma viagem ao exterior, estabelecendo-se lá por alguns anos. Dessa forma poderá enriquecer seus conhecimentos e suas experiências, fazer observações de cunho pessoal de maneira a ganhar em agilidade e simpatia, tornando o contato com as pessoas agradável e útil. (Schramm, 1949: 475)

Este sentimento enaltecia o negociante que soubesse se despojar, temporariamente, de suas raízes e lançar-se ativamente para fora. Só assim ele seria capaz de adquirir experiências e conhecimentos únicos e exclusivos, de outro modo impedidos de ser vivenciados caso se limitasse à rotina da burocracia comercial e às teorias estéreis das Academias.

Bibliografia

BECHER, Hans. *O barão Georg Heinrich von Langsdorf*. São Paulo: Edições Diá; Brasília: Editoria da UnB, 1990.

BILLROTH, Albert. *Ein Evangelist in Brasilien*. Hermann

Billroth. Bremen: Müller Verlag, 1867.

BÖSCH, Eduardo Theodoro. [1836] *Quadros alternados*. Prefácio: Affonso de E. Taunay. Trad.: Vicente de Sousa Queirós. São Paulo: Garraux, 1929.

⁹ Tal desejo não se realizou, uma vez que o filho formou-se em advocacia, optando por seguir a carreira política; em 1912 foi eleito senador e, prefeito de Hamburgo, em 1928.

CARDOSO, Sérgio. "O olhar viajante" In: NOVAIS, Aduato. (org.) *Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CABRAL, Theodoro. *Pohl e sua viagem ao Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1953.

LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: a primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

MINNEMANN, Herbert. (org.) *Tratado de Comércio e Navegação entre os Senados das Cidades Livres e Hanseáticas de Lübeck, Bremen e Hamburgo e sua Majestade, o Imperador do Brasil*. Hamburg: Iberoamerikanisches Institut, 1977.

PENKWITT, Wolfgang. *Preussen und Brasilien (1822-1850)*. Wiesbaden: Steiner, 1983.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

RANGO e LEITHOLD. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

SCHAEFFER, Ritter von. *Brasilien als unabhängiges Reich in historischer, merkantilistischer und politischer Beziehung*. Altona: Hammerich, 1824.

SCHLICHTHORST, Carlos. *O Rio de Janeiro como ele é (huma vez e nunca mais)*. Trad. Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

WEECH, Friedrich T. von. *Brasiliens Gegenwärtige Zustände*. Hamburg: Hoffmann-Campe, 1828.

SCHRAMM, Percy Ernst. *Kaufleute zu Haus und Übersee*. Hamburg: Hoffmann-Campe Verlag, 1949.